



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

WELLINGTON LAURENTINO BEZERRA

TRAJETÓRIAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: ENTRE DESENHOS,
CONTEXTO E POSSIBILIDADES DE PESQUISAS.

GUARABIRA
2018

WELLINGTON LAURENTINO BEZERRA

TRAJETÓRIAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: ENTRE DESENHOS,
CONTEXTO E POSSIBILIDADES DE PESQUISAS.

Artigo apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado.

Área de concentração: História Contemporânea.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Simone da Silva Costa.

GUARABIRA
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574t Bezerra, Wellington Laurentino.

Trajectoria das histórias em quadrinhos: [manuscrito] : entre desenhos, contexto e possibilidades de pesquisas / Wellington Laurentino Bezerra. - 2018.

28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Simone da Silva Costa, Departamento de História - CH."

1. Histórias em quadrinhos. 2. Ditadura civil-militar. 3.

Trajectoria. I. Título

21. ed. CDD 372.4

WELLINGTON LAURENTINO BEZERRA

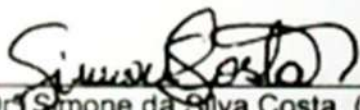
**TRAJETÓRIAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: ENTRE DESENHOS,
CONTEXTO E POSSIBILIDADES DE PESQUISA**

Artigo apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduado.

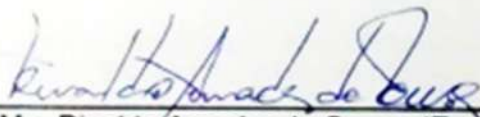
Área de concentração: História Contemporânea

Aprovada em: 30/11/2018

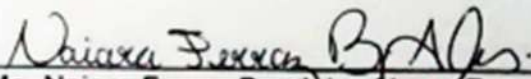
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Simone da Silva Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Rivaldo Amador de Sousa (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Ma. Naiara Ferraz Bandeira Alves (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, Maria Laurentino Bezerra,
pela força, luta e amor, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À professora Prof^ª. Dr^ª Simone da Silva Costa pela confiança depositada para realização deste trabalho. Por sua paciência.

À Prof^ª. Pós Dr^ª Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega pelas oportunidades que me foram oferecidas, pelas conversas entre turno de aula. Aqui, não conseguiria descrever com palavras o quanto grato sou por ter lhe conhecido, deixo meu muito obrigado pelo conhecimento compartilhado e por sua amizade, a qual tem uma muita estima.

Ao professor Dr. Carlos Adriano pelas aulas que sempre extrapolava os muros da academia. Pelo seu profundo interesse e preocupação em ensinar. Muito obrigado.

À minha estimada mãe, Maria Laurentino Bezerra, por ser uma guerreira. Me educado e criado. Na dificuldade que se encontrava sempre fez da minha educação prioridade. E esse trabalho como resultado, é totalmente dedicado a você. Te amo, muito obrigado.

À Havaniele Bandeira Nascimento que esteve comigo em todos os momentos, me segurou quando eventualmente caía, que me guiava quando estava sem rumo, que me acalmava nos momentos de angústia. Os meus mais sinceros agradecimentos, e em nome dela, agradeço a família Bandeira, pelo acolhimento.

À Rejane, a funcionária da limpeza, que sempre está alegre pelos corredores, e em nome dela estendo a todos funcionários do campus III.

À instituição por ter oferecido esse passo acadêmico na minha vida.

À Wisla Alane (in memoriam), que durante a vida foi minha amiga de todas as horas, a você meus agradecimentos, aonde estiver.

À Prof^ª. Dr^ª Marisa Tayra Teruya (in memoriam) pelas palavras de conforto e motivação no início do curso.

A Danillo Flavius por todas as conversas e por sua amizade.

A todos da turma 2014.1 do período da tarde.

A Todos da turma 2014.1 do período da noite, em especial a Renata, Eduardo, Allan Emerson e Marcus, Matheus Abdon, Yanna e Thiago em nome

destes, estendo aos demais. E para aqueles que por causa das escolhas da vida, não conseguiram terminar o curso.

A Júlio Cesar Miguel de Aquino Cabral, que desde do início do curso conversamos sobre escrita, e compartilhávamos de algumas ideias. Deixo meu muito obrigado por ter ajudado significativamente a conclusão desse trabalho.

À Coquinho, motorista do ônibus escolar do município de Tacima. Meu muito obrigado por sempre nos levar e trazer em segurança.

Aos companheiros de viagem, Matheus Abdon Fonseca, Camilla Abdon Fonseca, Aline Moreira, e todos os outros.

Obrigada a todos que de forma direta ou indiretamente fizeram parte dessa formação.

RESUMO

O presente artigo relata a trajetória das histórias em quadrinhos (HQs) com alguns apontamentos no contexto, na área da educação e na possibilidade de novas pesquisas. O objetivo da pesquisa foi perceber qual a importância das HQs, como foram distribuídas, como se tornaram populares e como foram perseguidas, também uma possibilidade de análise de HQs em outros períodos. Para tanto, foram utilizadas as histórias em quadrinhos produzidas durante o período da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), e algumas outras foram do período em questão. Constatou-se que, é sem dúvida, uma importante mídia de massa, mas que não deve ser limitada apenas a esse campo. Podendo ser estendido ao campo do ensino. Trata-se de uma reflexão que é mais geral sobre essa trajetória das HQs, portanto, sem pretensão de respostas conclusivas.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; Ditadura civil-militar; Trajetória.

ABSTRACT

This article reports the comic book trajectory (HQs) with some notes in the context, in the area of education and in the possibility of new researches. The objective of the research was to understand the importance of the HQs, how they were distributed, how they became popular and how they were persecuted, also a possibility of analysis of comics in other periods. For that, the comics produced during the period of the civil-military dictatorship in Brazil (1964-1985) were used, and some others were of the period in question. It has been found that it is undoubtedly an important mass media, but that it should not be limited to this field alone. It can be extended to the field of education. It is a reflection that is more general about this trajectory of the comics, therefore, without pretension of conclusive answers.

Keywords: Comic books; Civil-military dictatorship; Trajectory.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
“ZONA DE ATROCIDADES”	13
“E FOI AÍ QUE COMEÇARAM OS MEUS PROBLEMAS”	17
“FAREI QUEM SABE UMA VERSÃO CAJAZEIRENSE DE ROMEU E JULIETA”	22
“UM MUNDO MAIS ADORÁVEL”	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	27

Índice de Figuras

Figura 1 - Os Fradinhos - Henfil (1970)	17
Figura 2 - Pinóquio - Winchluss (2008).....	18
Figura 3 - The Avatar and The Chimera - Craig Russell (1978)	18
Figura 4 - Bat-madame - Anco e Luzardo (1971).....	24
Figura 5 - Maus - Art Spiegelman (1980-1991)	25

“Eu estudei o formato dos quadrinhos a fundo. [...] acredito que os quadrinhos sejam nosso último elo com uma forma antiga de se transmitir a história. Os egípcios desenhavam nas paredes...os países por todo o mundo transmitem seus conhecimentos de formas pictóricas. Acredito que os quadrinhos sejam uma forma de história que alguém em algum lugar já sentiu ou experimentou. Depois é claro essa história e essas experiências foram mastigadas pela máquina comercial, receberam os retoques, até que virarem os quadrinhos que temos hoje.”

Elijah Price – Corpo Fechado (2000).

TRAJETÓRIAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: ENTRE DESENHOS, CONTEXTO E POSSIBILIDADES DE PESQUISAS.

Wellington Laurentino Bezerra.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal refletir sobre a trajetória e a importância dos quadrinhos. Aqui, não buscamos esgotar todas as histórias em quadrinhos (HQs) produzidas neste período, mas sim, fazer uma análise de sua trajetória, e acima de tudo, as formas de resistência, como a produção de quadrinhos nos jornais com críticas-políticas.

Nomeie as partes deste artigo fazendo referências a arcos, diálogos de personagens ou nomes de capítulos de histórias em quadrinhos. Na primeira parte, “ZONA DE ATROCIDADES”, trataremos do contexto do período, destacando o período da guerra fria, e como ela foi decisiva para o golpe civil - militar de 1964, destacando como as pressões internacionais, entre Estados Unidos e URSS, contribuíram para instauração do regime civil-militar no país. Uma das consequências do referido regime foi a censura, que afetou a livre manifestação da imprensa. Contudo, não impediu o surgimento dos periódicos e jornais alternativos, dentre eles o Pasquim, o qual influenciou vários outros jornais. Os jornais tinham uma grande importância para quadrinhos, porque em sua maioria, os quadrinhos eram publicados neles.

Subsequente, em “E FOI AÍ QUE COMEÇARAM OS MEUS PROBLEMAS”, relata um pouco da história das HQs, com as primeiras produções, passando pelos alternativos até as mídias em massa¹. Relatando a perseguição que sofreu nos Estados Unidos, reverberando em outros países, como no Brasil. Sendo, mais tarde, as HQ's redescobertas e utilizadas para o ensino. Em “FAREI QUEM SABE UMA VERSÃO CAJAZEIRENSE DE ROMÉU

1 Mídia em massa é a possibilidade de um único emissor atingir o maior de receptores. Nas HQs foram os Syndicates responsáveis por essa distribuição global.

E JULIETA”, breve relato sobre as produções brasileiras, como foram sufocadas pelas produções americanas, e ainda assim, conseguiram uma certa parcela do mercado.

Na Paraíba temos Deodato Borges, pai de Mike Deodato, um dos grandes nomes dos quadrinhos hoje, e Moisés Weltman no Rio de Janeiro. Os dois eram radialistas e conseguiram produzir algumas HQs, mesmo “americanizadas”. No contexto mais nacional, temos Ziraldo e Mauricio de Sousa, já em busca de um quadrinho mais nacional. E ainda, o Pasquim, como forma de resistência, o qual mais tarde influenciaria outros jornais conscientemente ou inconscientemente. Na Paraíba temos os jornais Extra e o Norte, responsáveis por publicações de história em quadrinhos e tirinhas ao estilo do Pasquim. E por final, “UM MUNDO MAIS ADORÁVEL”, História em quadrinhos como documentário cultural, e como alguns eventos do período foram representados nos quadrinhos.

“ZONA DE ATROCIDADES”²

No primeiro momento é preciso entender o contexto de produção, e expansão dos quadrinhos como crítica-política na Paraíba em relação ao regime militar que estava instaurado no Brasil, entre período de 1964 a 1985. E para isto, precisamos nos remeter aos eventos que precederam a ditadura civil-militar de 1964. Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, e conseqüentemente o início do período que foi denominado de Guerra Fria³ as potências vitoriosas entraram em embate de ideias. Esta guerra de ideologias ocasionou uma polarização do mundo entre as duas potências mundiais da época, a União das Republicas Socialista Soviéticas (URSS) e os Estados Unidos da América (EUA) encabeçaram a guerra. E com o advento desta polarização, surge a batalha entre comunismo e capitalismo, os sistemas econômicos-políticos-sociais respectivamente das referidas potências.

A guerra contra o comunismo criada por esta divisão, resultou em um combate ideológico, o qual ameaçou várias democracias na América do Sul.

2A América do Sul se tornou conhecida como “A Zona de Atrocidade”, no arco a Era do Apocalipse dos X-man. O Brasil foi destruído por um ataque nuclear.

3 Que durou do fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 até a extinção da URSS em 1991.

Começando com o golpe militar no Paraguai em 1954. Dez anos depois aconteceu no Brasil. O Anticomunismo foi um dos fatores apontado para queda do então presidente constitucional João Goulart (1964), que contribuiu para o enfraquecimento das forças reformistas, dos nacionalistas democratas e das forças de esquerda no país. A presidência do Brasil foi destituída dos civis e ocupada apenas por generais militares.

Os generais militares foram se sucedendo. Iniciando com Castelo Branco (1964-1967), passando por Costa e Silva (1967-1969), Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), Ernesto Geisel (1974-1979), finalizando com João Figueiredo (1979-1985). Todos os mandatos foram marcados por repreensões, torturas, e censuras, contrariando o que foi mais tarde foi difundido como a “dita branda”⁴, como trocadilho para uma ditadura leve, mas em consenso,

[...]os quatro primeiros anos dos militares no poder foram marcados pela combinação de repressão seletiva e construção de uma ordem institucional autoritária e centralista. Em outras palavras, a ordem autoritária dos primeiros anos do regime militar brasileiro estava mais interessada na blindagem do Estado diante das pressões da sociedade civil e na despolitização dos setores populares (operários e camponeses) do que em impedir completamente a manifestação da opinião pública ou silenciar as manifestações culturais da esquerda (NAPOLITANO, 2014, p.66).

A não repreensão, em virtude da criação ainda de aparatos para se fazer uso, não retira o caráter autoritário do regime pré-Ato Institucional nº5. Como aparatos, podemos falar sobre a criação do Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODE) e Departamento de Ordem Política e Social (DOPS).

A censura foi praticada desde o início do regime militar, se intensificando significativamente a partir de 1968. Nos primeiros anos, com Castelo Branco, os quadrinhos foram censurados, “com a lei das publicações perniciosas aos jovens”, como informa Fernandes (2015). Existiam dois tipos de censuras, a primeira no campo tradicional, moral, no que tangia a pornografia e erotismo; a outra, direcionada a imprensa. Considerando a imprensa como um espaço para se divulgar e formar opiniões contrárias ao regime civil-militar.

4 S. PAULO, Folha de. Limites a Chávez. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1702200901.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

A censura foi legitimada pelo Supremo Tribunal Federal (STF), uma vez que considerou as práticas de censura constitucionais, por estarem nas normas dos Atos Institucionais (AI), mais precisamente aqui o Ato Institucional de Nº 5 (AI-5), criado em 13 de dezembro de 1968, no governo de Costa e Silva. O qual tinha como característica a cassação dos direitos políticos, aposentadoria compulsória para servidores públicos, fim do habeas corpus para crimes políticos e censura prévia aos meios de comunicação, não demorou muito para que a censura prévia chegasse a todos os seguimentos da comunicação. Mantendo o controle sobre as informações e opiniões.

Para evitar que a imprensa publicasse informações tidas pelo regime como “perniciosas”, era necessário que

[...] por intermédio da censura, os órgãos de imprensa fossem permanentemente vigiados e mantidos sob estrito controle estatal. Dessa forma, a censura política à imprensa, surge como um mecanismo estratégico do governo” (CARVALHO, 2014, p.83).

Aqui o Estado buscava com essa estratégia, silenciar os mecanismos de propagação de opiniões contrárias ao governo militar, usando como pretexto a luta contra o avanço do comunismo no país, para servir à estratégia, foi necessário criar o inimigo interno. Certeau define a estratégia:

chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se tornar possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, **um exército**, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio a se a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, **os inimigos**, etc.) (CERTEAU, 2008, p.99, grifo do nosso).

Neste sentido, podemos citar o AI-5, que vigorou de 1968-1978, e todas as limitações imposta no governo do general Emilio Garrastazu Médici, e seu padrão violento de combate ao “inimigo interno”, como uma das estratégias do governo militar, enquanto instituição para frear o avanço do comunismo no país. Vários órgãos foram criados durante o regime, cada um na sua área. O principal órgão da censura prévia era o Serviço de Informação ao Gabinete (Sigab), mesmo de maneira informal, uma vez que não estava ligado diretamente a administração federal.

A presença de censores se tornou comum nos jornais e periódicos, depois do AI-5. Mas teve uma resistência por parte dos editores e um dos modos usados

para burlar a censura prévia, foi a “entrega de uma dado material mais de uma vez ou demora nessa mesma entrega, com o fim de aproveitar do cansaço do censor” (CARVALHO, apud SMITH, 2014, p.97), e que ocasionou a substituições dos censores em vários jornais, “vários censores destacados para atuar no Pasquim, por exemplo, foram substituídos, após terem desempenho considerado insatisfatório por seus superiores” (CARVALHO, 2014, p.85).

A importância do surgimento dos editoriais e periódicos alternativos durante o regime está relacionada ao modo de fazer a arte. Utilizando da arte como movimento, se mantendo como oposição, sendo uma das formas de resistência ao regime civil-militar. Neste sentido, se configurando como “uma das mais importantes iniciativas no campo da imprensa alternativa foi o jornal carioca o Pasquim, criado em 1969” (BEHAR; VERGUEIRO, 2015, p.20), o qual funcionou até 11 de novembro de 1991. Sendo o jornal alternativo com a cara da indignação do Brasil, rapidamente se tornou popular nos meados de 1970, chegando a uma tiragem de 200 mil exemplares.

Criado por Sergio Cabral, Tarso de Castro e Jaguar. O Pasquim contava com os grandes nomes da época, como Millôr Fernandes, Henfil, Ziraldo, entre outros. Passou muito tempo burlando a censura, até que teve a “gripe coletiva” que foi a prisão da equipe de redação, como não se podia publicar sobre prisões, publicaram que a equipe de redação tivera uma gripe coletiva. Depois das prisões o Pasquim foi assumido por Chico Buarque, Rubem Fonseca, Glauber Rocha, e outros intelectuais. Da equipe editorial apenas Henfil, Miguel Paiva e Millôr não foram presos.

O principal objetivo do semanário era expor a indignação contra o regime militar, e a censura prévia que estava em vigor, isso ocorreu no auge da repressão militar, em meados de 1968. O surgimento desse periódico foi fundamental para o surgimento de outros jornais alternativos, porque se mostrou eficiente e conseguiu com o humor driblar os censores, mudou a maneira de como o jornalismo agia politicamente e com criticidade. Utilizando do humor e da arte caligráfica, como define um dos autores de quadrinhos do semanário,

Henrique de Sousa Filho, autor do Fradinhos⁵, mais conhecido como Henfil. O qual foi o criador do bordão “Diretas Já”, que virou um movimento o qual tinha como petição as eleições diretas para presidente. Henfil, Mauricio Sousa e Ziraldo são uns dos maiores nomes do período. Eles influenciaram uma geração inteira, mostrando as misérias do Brasil.

Figura 1 - Os Fradinhos - Henfil (1970)



Fonte: (VALLE, 2018)

Depois do Pasquim, diversos editoriais seguiram seu modelo. Na Paraíba, temos o Edição Extra, em 1971, como marco da retomada da produção de quadrinhos com viés crítico-político. A Edição Extra, seguia o esquema do Pasquim, tinha a ênfase mais local, embora comentava assuntos nacionais e internacionais.

“E FOI AÍ QUE COMEÇARAM OS MEUS PROBLEMAS”⁶

⁵ Importante quadrinho do autor. Esse quadrinho é um ato político que remetia diretamente a hipocrisia da época da ditadura civil-militar.

⁶ Título do capítulo 3 do segundo volume de Maus.

As HQs rememoram desde a Idade da Pedra, como apontam Rama e Vergeiro (2004, p. 8-9),

assim, quando o homem das cavernas gravava duas imagens, uma dele mesmo, sozinho, e outra incluindo um animal abatido, poderia estar, na realidade, vangloriando-se por uma caçada vitoriosa, mas também registrando a primeira história contada por uma sucessão de imagens.

No sentido mais específico, em 1975-1979, temos os quadrinistas Craig Russel, Moebius (Giraud) e Nicole Claveloux fazendo HQs sem texto, apenas ilustrações. Percebemos hoje, que essa possibilidade de comunicação de HQs sem texto, continua, por exemplo com Pinóquio do quadrinista Winshluss. Uma HQ premiada no Festival de d'Angoulême, em 2009. Essa HQ tem como particularidade a ausência de texto e uma nova roupagem para a história clássica de Pinóquio e seu pai, Gepeto.

Figura 2 - Pinóquio - Winshluss (2008)



Fonte: (BRANT, 2012)

Figura 3 - The Avatar and The Chimera - Craig Russell (1978)



Fonte: (STORIES, 2010)

Portanto, percebemos que até mesmo as ilustrações da antiguidade, aspiravam um movimento. Por exemplo, a primeira bíblia em quadrinhos foi pintada entre 1508 e 1512, na capela da Santa Sistina por Michelangelo. Hoje, atração no Vaticano. Defendo este ponto em um sentido mais amplo, quando cito Michelangelo, porque ele pintou o velho testamento de forma sequenciada. Então temos de pinturas nas cavernas, até estética de Alex Ross⁷, nas HQs da DC Comics, e roteiros das histórias mais inocente passando por Allan Moore⁸ e Frank Miller⁹, nas Graphic Novel's, as HQs com temática para adultos.

Os quadrinhos (HQs) são hoje uma das mídias de massa, que goza de uma certa popularidade, graça aos syndicates¹⁰ com a distribuição mundial. As HQs agora são produzidas em escala global, sendo industrializada e criando setores profissionalizantes. Surgindo, inclusive como primeiro veículo que padronizou o conteúdo. Da mesma forma que goza de uma popularidade, há também, ou pelo menos houve certa repulsa com os quadrinhos, por causa dos efeitos que poderiam causar sua leitura, em jovens e crianças. O que afetou severamente a sua utilização nas salas de aula. Sendo muitas vezes acusada de infantil, e que em tese afetaria o desenvolvimento e amadurecimento dos quem faziam o uso delas.

Precisamos analisar a história por trás da HQs, e como se deu a sua repulsa, afetando assim a utilização no ambiente escolar. Erroneamente, Dr. Frederic Wertham, psiquiatra alemão, radicado nos EUA, em 1954 ele passou a generalizar as HQs como sendo responsável por certas patologias na crianças e adolescente. Em sua maioria sobre história em quadrinhos¹¹ de suspense e terror, associando estas HQs aos casos de patologia dos jovens que tratou em seu consultório, no

livro defendia, por exemplo, que a leitura das histórias do Batman poderia levar os leitores ao homossexualismo, na medida em que esse

7 Reino do Amanhã e Justiça.

8 V de Vingança, Do Inferno, A Liga Extraordinária e Watchmen.

9 Cavaleiro das Trevas, Sin City.

10 Grandes organizações responsáveis por distribuir de notícias e materiais de entretenimento para jornais em todo o planeta.

11 Seduction of the Innocent – the influence of “horror comics” on today’s youth.

herói e seu companheiro Robin representavam o sonho de dois homossexuais vivendo juntos (RAMA; VERGEIRO, 2004, p. 12).

Ou ainda que o contato direto com as histórias de super-herói, como Superman, poderia fazer com que as crianças se atirassem pela janela, imitando os voos do homem de aço. Não tinha nenhuma base científica para comprovar as alegações. Ele aproveitou do seu lugar de fala privilegiado, para fazer alardes sobre o tema. No entanto, isto hoje está superado, e o uso de HQs, comprovadamente, contribui para motivar e envolver o aluno nas disciplinas.

A sociedade cobrava, depois das denúncias do psiquiatra, e o estado respondia com o comics code que consistia em códigos de condutas que visava garantir que as revistas que o utilizava, não prejudicariam o desenvolvimento moral ou intelectual dos filhos e alunos, regulamentando o processo de produção dos quadrinhos e impondo um controle para garantir que tais publicações não prejudicariam o desenvolvimento dos seus leitores. Esse movimento de caça aos quadrinhos não aconteceu apenas nos EUA, mas em vários lugares do mundo, chegando até com a proibição dos quadrinhos em determinados países.

No Brasil, as críticas aos quadrinhos foram bem semelhantes as ocorridas no EUA. Editaram aqui um código próprio, parecido com o comics code. Ainda que não contenha a palavra subversiva, fica aferida no contexto e no texto do “Código de Ética dos Quadrinhos” (RAMA; VERGEIRO, 2004, p. 14). Por este motivo, os quadrinhos passaram a ser vistos como uma cultura subalterna na visão da sociedade intelectual. Até mesmo no ambiente universitário, é deixado em planos diferentes da literatura.

Por causa das autocensuras, as histórias em quadrinhos se tornaram vis, e de uma pobreza de experiência gritante, fazendo com que os estudiosos perdessem o interesse de usá-las como fonte acadêmica, coisa que ainda hoje é relutada. Depois desse momento de perseguição, há um movimento apontado para um “redescobrimto” das HQs. Porque os estudos do psiquiatra, o qual foram utilizados para fazer a perseguição, eram muitos mais relacionado ao preconceito, do que com bases científicas.

Por esse ângulo, os quadrinhos passaram a ser utilizados pelo Estado, pela religião e por instituições militares como forma de passar algum tipo de conhecimento. Os primeiros manuais foram feitos durante a década de 1940. “Inclusive no Brasil, buscavam aproximar as histórias em quadrinhos das grandes obras literárias” (RAMA; VERGEIRO, 2004, p.18), esta aproximação, está relacionada ao viés que compreende as obras como intelectuais, conferindo um grau de “intelectualidade” aos quadrinhos. Foram usados as HQs para ensinar a catequese as crianças, na década seguinte, 1950, Mao Tse-Tung, usou para mostrar o ensino das vidas exemplares, com o foco na sociedade que gostaria de ver no seu país. O próprio Will Eisner trabalhou em parceria com o governo dos Estados Unidos, para produzir manuais para as tropas na segunda guerra mundial. Mas foi na Europa, na década de 1970, que começaram a serem utilizadas as HQs de forma lúdica sobre temas escolares.

Antes desse período, não buscavam usa-las como material de ensino, mas sim apenas como entretenimento, no máximo para ilustrar algo escrito. Mas há um estranhamento nesse aspecto, pois se já era usada desde a década de 1940, e em vários setores, incluindo o próprio estado, como foi que se passou despercebido o caráter didático deste gênero esse tempo todo? Ainda foi percebendo este caráter pedagógico, que os próprios livros didáticos começaram a incorporar os quadrinhos, com sua própria linguagem e estética,

[...] felizmente, as últimas décadas do século passado presenciaram, cada vez mais, a utilização de histórias em quadrinhos pelos professores das diversas disciplinas, que nelas buscaram não apenas elementos para tornar suas aulas mais agradáveis, mas, também, conteúdos que pudessem utilizar para transmissão e discussão de temas específicos nas salas de aula (RAMA; VERGEIRO, 2004, p. 21).

Essa mudança possibilitou que os quadrinhos fossem utilizados com mais frequência, apesar de haver já as charges, mas as charges têm sua própria linguagem. Não somente foram quebrando barreiras contra o senso comum que havia sido instaurado, referente ao preconceito, como também o Estado passou a regulamentar o seu uso, como no caso do Brasil, incluindo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96).

A sua utilização causa motivação nos alunos, devido a familiaridade com a linguagem. Muitos já tiveram acesso de alguma maneira as HQs, a exemplo da turma da Mônica, Tio Patinhas, Homem Aranha ou Hulk. De alguma maneira vivenciaram algum contato prévio com o suporte, facilitando a sua utilização na sala de aula. Contudo, é importante está atento a faixa etária dos alunos, e as especificidades da sua linguagem, evitando ser apenas ilustrações de algum suporte escrito.

“FAREI QUEM SABE UMA VERSÃO CAJAZEIRENSE DE ROMEU E JULIETA”¹²

As produções brasileiras mesmo sendo sufocadas pela indústria americana, foram produzidas mesmo sem características puramente nacional, como é o caso de Deodato Borges com as aventuras de O Flama (1963), que visavam ser parecida com os Super-heróis americanos e o Jerônimo - o herói do sertão (1957) de Moisés Weltman, semelhante as histórias de faroeste. Com um certo mimetismo no formato e modo da escrita dos comics book, quadrinhos americanos. Ziraldo, foi o marco dos quadrinhos nacionais, um dos precursores, junto com outros setores que adotaram um posição anti-imperialista, termo usualmente utilizado para referenciar a partilha da África, mas aqui, neste contexto é sobre todo o poder dos EUA na produção do conteúdo de massas com os syndicates. Sufocando as produções nacionais.

Ziraldo, foi um marco no sentido de buscar uma nacionalidade para os quadrinhos, criou o Pererê, baseado no Saci Pererê, personagem do folclore brasileiro, o qual teve uma vida curta de produção entre 1960-1964, e depois republicada pela editora Abril com nome de Turma do Pererê em 1970.

Na Paraíba, Deodato foi o marco da produção de quadrinhos, apesar de não ter buscado esta nacionalidade, ele produziu a HQ das aventuras de flama com “tiragem de 1500 exemplares com 40 páginas e capa em duas cores” (BEHAR; VERGUEIRO, apud TAVARES; TENÓRIO, 2015, p.17). E em

12 Uma das falas de Lampião de Cristovam Tadeu.

produção industrial temos Mauricio de Sousa, autor da turma da Mônica, que começou com tiras semanais em 1959, passando para uma escala industrial.

Após o golpe civil-militar de 64, houve um ajuste de políticas nacionais com as americanas. Com a retirada dos direitos individuais e a censura, os jornais passaram a sofrer com os censores. Na Paraíba, dois anos depois do Pasquim, nasce o jornal Extra, em 1971, inspirado consciente ou inconscientemente no jornal carioca.

O Extra teve uma vida curta, cerca de duas dúzias de edições, mas revelou talentos como Luzardo Alves e Anco Marcio com Bat-Madame, uma caricatura do super-herói americano, o Batman, que tratava assuntos regionais, como Campina Grande. Com o fechamento do Extra, os quadrinhos com crítica política, sofreriam um hiato. Só voltariam em 1973 por meio de Deodato Borges no jornal O Norte. Publicando tantas tirinhas internacionais, como locais. Revelando novos talentos, como Richard Muniz (Shangai), Marcos Tavares e Juca (Aduab, o camelo). E ainda outros autores e seus personagens como

a Veltra (criada Weltra, rebatizada Veltra, numa tentativa de assumir um caráter mais nacional) de Emir Ribeiro, colocada ao modelo dos super-heróis; As cobras de Marcos Nicolau, revelando um humor leve, em que os dois personagens disputam o raciocínio lógico e brincam com sua condição animal; e Maria, de Henrique Magalhães, que inicialmente era uma personagem solitária em busca do companheiro ideal e logo se transformaria numa militante contra a ditadura militar (BEHAR; VERGUEIRO, 2015, p. 29).

O Norte fez essa abertura para os quadrinhos, possibilitando sua produção e divulgação. Porém, aí se instaura uma indagação, como o Nordeste, mais precisamente na Paraíba, consegue uma inserção da produção de quadrinhos, já que as produções de quadrinhos estavam concentradas nos estados de maior destaque do Brasil. É possível perceber que os movimentos e as histórias em quadrinhos na Paraíba, de uma maneira ou de outra, estão ligadas há algum tipo de resistência. Como se fosse “uns pasquins” paraibano, alternativos, que falava a língua do povo.

Figura 4 - Bat-madame - Anco e Luzardo (1971)



FONTE: (FANTASIA, 2012).

“UM MUNDO MAIS ADORÁVEL”¹³

Pensar os quadrinhos, analisando as imagens, pois “qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos” (MANGUEL, 2001, p.21). Assim, nesse seguimento os quadrinhos poderiam ser documentários culturais, exprimindo pensamentos e movimentos da cultura de determinada época. Isso já foi realizado, retratada na história em quadrinho Maus¹⁴ – A história de um sobrevivente, importante quadrinho, que ganhou um prêmio especial do Pulitzer 15, por não conseguirem classificar a obra nem como ficção, nem como biografia, sendo um liminar entre os dois polos que documenta a bibliografia do pai, relatando o antissemitismo na Alemanha durante a segunda guerra mundial. HQ escrita

13 Nome do último capítulo de Watchmen.

14 Ratos em alemão.

15 Prêmio destinado a obras jornalística. Maus foi a primeira HQs a ganhar esse prêmio, abrindo o caminho para discussões sobre o valor das História em Quadrinhos como estilo jornalístico.

por Art Spiegelman, que conta como o seu pai, Vladek Spiegelman sobreviveu ao holocausto.

Figura 5 - Maus - Art Spiegelman (1980-1991)



Fonte: (HISTORIAZINE, 2018)

Na HQ, o autor coloca os judeus como ratos, e os alemães como gatos. Na relação de gato e rato, não somente uma referência do biopoder do gato em matar um rato, mas também na vivência deles, que sobrevive nas escondidas, e a história é toda nessa dinâmica de se esconder e sobreviver. E as estratégias adotadas, para se auto referenciar como rato, criticando o pensamento de suposta superioridade alemã, muitas vezes ligava os judeus a parasitas. Por exemplo,

na propaganda nazista era comum representar os judeus sob a forma de insetos, cogumelos venenosos, **ratos**, cobras viscosas, vermes e

doenças, já que o regime reutilizou-se da metáfora da peste, artifício muito empregado pelo biologismo do século XIX, relacionando os judeus com epidemias de cólera e contaminações por bactérias e bacilos. (PEREIRA, 2016, grifo nosso).

Art Spiegelman utiliza o antropomorfismo, exatamente para denunciar como o Estado Alemão percebia os outros. Por outro lado, temos Watchmen¹⁶ do roteirista inglês Allan Moore, onde se encontra uma aproximação da realidade, nas questões políticas, culturais e econômicas do mundo, no período da guerra fria. O que ilustra já nas primeiras páginas sobre a crise que o mundo estava, ainda na fala de Rorschach, personagem da HQs, que o Comediante, poderia estar trabalhando para o governo americano, derrubando republicas socialista na américa do sul¹⁷, em 1970. Retratando, como o mundo estava dividido entres Estados unidos e URSS. Mas isto acontecia, fora do país. E no Brasil, temos por exemplo, os quadrinhos publicados no Pasquim, como O rato Sig do jaguar, as histórias críticas do Millôr, Ziraldo, tivemos participação de Mafalda, e ainda o cemitério dos mortos-vivos (1972) de Henfil, o qual enterrava as celebridades que apoiava a ditadura eram “sepultadas”,

a relação das celebridades enterradas no Cemitério foi extensa e eclética: os cantores Wilson Simonal e Don e Ravel; o dramaturgo Nelson Rodrigues; o sociólogo Gilberto Freyre; os economistas Roberto Campos e Eugênio Gudin; o ensaísta Gustavo Corção; os escritores Rachel de Queiroz e Josué Montello; os apresentadores de TV Flávio Cavalcanti, Hebe Camargo e J. Silvestre; o técnico de futebol Zagalo; os jornalistas David Nasser e Samuel Wainer; os compositores Sérgio Mendes e Carlos Imperial; o maestro Erlon Chaves; o humorista José de Vasconcelos; os bispos direitistas Dom Vicente Scherer e Dom Geraldo Sigaud; o presidente da Confederação Brasileira de Desportos e depois da Fifa, João Havelange; parlamentares da Arena, o partido da ditadura; os atores Jece Valadão e Bibi Ferreira; o conjunto Os Incríveis; o fotógrafo Jean Manzon; o líder integralista Plínio Salgado; Plínio Corrêa de Oliveira, fundador da Tradição, Família e Propriedade (TFP); o astro de futebol Pelé; o empresário da comunicação Adolpho Bloch; “The Globe” (alusão a O Globo), entre outros(MORAES, 2013).

Portanto, dessa forma, podemos analisar, também as HQ produzida sobre o tema, e ainda mais, utilizar as que foram produzidas na época. Conseguindo, assim, relacionar da mesma forma a utilização das histórias em quadrinhos produzidas na ditadura como uma espécie de documentário cultural,

16 Produzida nos anos 1986 – 1987.

17O comediante é citado como tendo trabalhado para o governo derrubando republicas socialista na América do sul. Pag. 18 capítulo 01.

Observando como elas foram feitas em resistência ao regime que estava atuando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos através da pesquisa, que os quadrinhos exercem um papel importante na indústria de entretenimento. Mas não se deve se limitar apenas a ela. Como produtos culturais, podem e devem, serem utilizados na sala de aula como ferramentas pedagógicas. E ainda sobre o período em questão, o da ditadura civil-militar, elas podem colaborar para o ensino, preenchendo alguns importantes pontos. Por exemplo, os fatos que estão presentes no livro didático podem-se apresentar de maneira limitada, ambígua ou insuficiente sobre o período. Ou ainda, distante da realidade do aluno. Pode-se utilizar as HQs suprir as lacunas encontradas.

Verificando a omissão ou amenização da violência da repressão aos movimentos sociais. As HQs não são para ser usadas apenas para ilustrar, como em algum caso, é feito erroneamente com as produções audiovisuais. Também outras HQs, podem ser discutidas como o quarteto fantástico, X-men, Homem Aranha, Malfada, entre outras. Maioria criada durante a guerra fria. Que reverberou no nosso continente, com os golpes no Brasil e em países vizinhos. Os quadrinhos, assim como outras produções, ainda que de maneira inconsciente, reflete o período que foi produzida. Outro ponto, é que existe poucas pesquisas sobre história em quadrinhos até o momento, pesquisas de como é utilizada as histórias em quadrinhos, a frequência ou quais mais utilizadas em escolas, seja na rede público, seja na rede privada. E aqui, se abre para um novo questionamento.

REFERÊNCIAS

BEHAR, Regina; VERGUEIRO, Waldomiro. **Heróis da resistência: uma história dos quadrinhos paraibanos (1963-1991)**. Joao Pessoa: Marca de Fantasia, 2015.

BRANDT, Pedro. **Pinóquio das trevas**. 2012. Disponível em: <<http://www.raiolaser.net/2012/10/pinoquio-das-trevas.html>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

CARVALHO, Lucas Borges de. **A CENSURA POLÍTICA À IMPRENSA NA DITADURA MILITAR: FUNDAMENTOS E CONTROVÉRSIAS**. Revista da Faculdade de Direito – Ufpr, Curitiba, v. 1, n. 1, p.79-100, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/direito/article/viewFile/36349/22401>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

CERTEAU, Michel de. **A Inversão do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FANTASIA, Marca e. **Regalo**. 2012. Disponível em: <<https://personalzine.files.wordpress.com/2012/03/regalo-02.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

FERNANDES, Geisa. 50 anos do golpe militar no Brasil. O que as histórias em quadrinhos têm a ver com isso? **Designis**: Publicación de laFederaciónLatinoamericana de Semiótica, Espanha, v. 22, n. 1, p.247-256, 09 abr. 2015. Semestral. Disponível em: <<http://www.designisfels.net/publicaciones/revistas/22.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2018.

HISTORIAZINE. **O holocausto segundo Vladek Spiegelman**. Disponível em: <<https://historiazine.com/por-que-todo-mundo-deveria-ler-maus-a-hq-de-art-spiegelman-4e9815f0133c>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MAZUR, Dan DANNER, Alexander. **Quadrinhos, história moderna de uma arte global**. São Paulo, WMFMartinsFontes, 2014.

MORAES, Dênis de. **O humor de Henfil contra quem oprime**. 2013. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2013/06/05/o-humor-de-henfil-contra-quem-oprime/>>. Acesso em: 07 nov. 2018

NAPOLITANO, Marcos. **1964 - HISTORIA DO REGIME MILITAR BRASILEIRO**. 1 ed., Editora Contexto, São Paulo-SP, 2014.

PELBART, Peter Pál. **Vida nua, vida besta, uma vida.** <p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl> Acesso em: 18 out. 2016.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. **O JULGAMENTO DE NUREMBERG E O DE EICHMANN EM JERUSALÉM: O CINEMA COMO FONTE, PROVA DOCUMENTAL E ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA.** Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann_nuremberg_israel.pdf>. Acesso em: 18 out. 2016.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. **Cultura e Política nos Quadrinhos de Henfil.** História, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 94-114, 2006.

RAMA, Angela; VERGEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Editora Contexto, 2004.

STORIES, Comics Book. **The Avatar and The Chimera.** 2010. Disponível em: <http://comicsbookstories.blogspot.com/2010/05/phillip-craig-russell-avatar-and.html>. Acesso em: 22 nov. 2018.

VALLE, Leonardo. **Obra de Henfil ajuda a entender ditadura militar e geografia do Nordeste.** 2018. Disponível em: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/reportagens/obra-de-henfil-ajuda-a-entender-ditadura-militar-e-geografia-do-nordeste/>. Acesso em: 22 nov. 2018.